



A ACTRIS MARIA ALVES, CÚJO MISTÉRIOSÔ
ASSASSINIO, EM LISBOA, TANTO APAIXONOU
A OPINIÃO PUBLICA

Alma Nova

N.º 3

PREÇO 1\$50 ESC.

S U M Á R I O

CAPA: Fotografia de Maria Alves; 9 DE ABRIL DE 1918 (com fotografia), *Redacção*; A QUINZENA, *Redacção*; PELO PORTO (com gravuras), *Veloso de Araujo*; PAGINA CAMILIANA (Quem foi o tradutor espanhol do «Amor de Perdição»), *Santos Agero*; TEATRO (com gravura) — A CONSAGRAÇÃO DOS MORTOS DA GRANDE GUERRA (com gravura); CONTOS E NOVELAS «Um perfume que vem das coisas mortas» (com um desenho), *Rodrigues Migueis*; MUSAS RECATADAS (com caricatura), *José Guerreiro Murta*; CAMILO PESSANHA INTROITO — SONO DOS ANJOS — NO MEU 59.º ANIVERSARIO, *Carlos de Lemos*; CHAMINÉS ALGARVIAS (Ilustrações de Saavedra Machado e Francisco Valença), *Dr. J. Leite de Vasconcelos*; ARTE (Escultura), *Sinões d'Almeida*; VIDA ESPIRITUAL (com gravura), *A. Reis Machado*; VIDA ELEGANTE (A moda), *Aida*; DOS LIVROS, *Mateus Moreno*; ARQUITETURA, *Jorge Segurado*; PAGINA DAS COLÓNIAS, *C. R. M.*; A PROVINCIA — A Festa da Primavera no Algarve, *José Dias Sancho*; NOVELA REGIONAL (Continuação), *Afonso Correia*; CURIOSIDADES — *Xadrez, D. Aleixo.*

NO PRÓXIMO NÚMERO COLABORAÇÃO DA EX.^{MA} SR.^A CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

NOVIDADE LITERÁRIA “CAIXA D'AMENDOAS”

VERSOS QUE DAN-
ÇAM O FOX-TROT,
O TANGO E O MA-
: : : X I X E : : :

P O R

Luiz d'Oliveira Guimarães

PEDIDOS À REDACÇÃO
DA “ALMA NOVA” — OS
ASSINANTES DESTA RE-
VISTA TÊM 20 % DE
: : : DESCONTO : : :

: : 5 \$ 0 0 : :

A melhor e mais completa preparação de sés calcicos



SILICALCINA

(REGISTADO)

O melhor medicamento na cura da tuberculose, raquitismo, linfatisma, onemio, neurastenia, fraqueza geral e na convalescença de todas as doenças

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

À VENDA

FARMACIA CUNHA
R. do Escola Politecnico, 18
FARMACIA BARRAL
Ruo da Ouro — LISBOA

EMILIO SALGUEIRO

ADVOGADO

RUA AUGUSTA, 188, 3.º-E.

TELEFONE C. 1954

LISBOA

PENSÃO TRANSMONTANA

A mais bem montada, a mais asseada, a mais económica (porque o hospede não precisa de extraordinários)
DESCONTOS ESPECIAIS AOS TRANSMONTANOS

DIÁRIA (com vinho incluído), 10\$00

RUA DA CEDOFEITA, 289, 2.º — PORTO

TIPOGRAFIA E PAPELARIA AMERICA

263, 265, 267, R. da Escola Politecnica

: : : LISBOA : : :

Casa editora e depositaria de livros da Escala Central de Sargentas, Ministerio da Guerra, Guarda Fiscal e : Guarda Nacional Republicana :

Impressos para o exército e fornecimentos militare
EXECUTA RAPIDAMENTE E A PREÇOS EXCEPCIONAES:

Obras e publicações, Teses, Estatutos, Relatórios, Bilhetes de laço, Facturos, Tolões, Menús, Programas, Bilhetes de visita em todos os : qualidades e preços, Mopos, Ratulas, etc. :

Fabrica de corimbos de borrocha, sinetes, chancelos, gravuros, etc.

TITULO TRIUNFADOR

Marca registada

RUA DA MADALENA, 113, 3.º D.º — LISBOA

Calçado a escolher por Esc. 5\$00, sem passagem de senhas, e sem prejuizo do comprador. Ahriu no dia 12 do corrente a venda deste titulo ao preço de Esc. 5\$00, sem que o portador do mesmo tenha de se incomodar na passagem de senhas, e que muito rapido obtem um optimo par de sapatos ou h'las tanto para homem como para senhora e de Foot Ball, feito nas minhas oficinas, tambem se fazendo por medida. Pelo processo que exponho no dito titulo, a todos se garante um par de sapatos ou botas, procedendo se com a maxima honestidade. Já se distribuiram alguns premios.

Os pedidos pelo correio devem vir acompanhados de Esc. 5\$00 para o titulo, e mais um escudo para registo e expediente.

E quando chegar á altura de receber o par de calçado, será avisado pelo correio.

ABRE DAS 9 A'S 19 HORAS

DIRECTOR-FUNDADOR

MATEUS MORENO

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

263-R. ESCOLA POLITECNICA-267-LISBOA

TELEFONE NORTE

DIRECTOR-LITERÁRIO

EMILIO SALGUEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA.

SECRETARIO: JOÃO FARMHOUSE

PROFRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"



REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA

NUM. 3

LISBOA, 15 DE ABRIL DE 1926



"9 DE ABRIL DE 1918"



UM DOS CONDECORADOS DO "9 DE ABRIL", NA FLANDRES — (Foto Garcês)

PORTUGAL acaba de comemorar mais uma vez esta histórica data, com as manifestações de religiosidade íntima e de culto tradicionalista que ela, na verdade, merece. O nosso director fundador, tendo sido nomeado para dizer, num dos fortes da guarnição de Lisboa, algumas palavras sobre a mesma, aí proferiu a vibrante e comovedora oração, de que transcrevemos os passos que seguem:

— "Soldados! Sobre embora por sobre as nossas cabeças e por sobre os destinos sagrados da nossa Pátria, os mais descontraídos ventos da loucura; sem rédea nem bridão, cavalguem embora, por sobre a carne santa do nosso património, os apetites mais funestos e os mais insensatos egoísmos, — enquanto houver portugueses como êsses que o nosso respeito e a nossa veneração hoje vem ressuscitar dos

seus túmulos; enquanto houver portugueses que saibam, como êsses, sacrificar a própria vida em holocausto á honra da Nação, Portugal não pode deixar de ser grande e respeitado, de ser sempre môço e de ser altivo, de merecer o orgulho dos seus filhos e o carinho e respeito dos estrangeiros.

"9 de Abril é o dia das nossas evocações heroicas; das nossas mortes victoriosas; das nossas afirmações de altivez lusitana. Não falo dos vivos. Dos vivos falarão os seus actos e as medalhas que, porventura bem conquistadas, ostentem sobre o peito. Se momentos de fraqueza alguns tiveram, os seus actos futuros os saberão remir.

"Quanto a vós, eu tenho a plena certeza de que sob essa

humilde farda, que vos cinge mais ao coração da Pátria, pulsa também um coração cheio de heroísmo, e vibra, e eleva-se, domina, torna-se símbolo e glória, uma alma capaz de votar-se ás mesmas abnegações imortalizadoras.

"A batalha de La Lys, em 9 de Abril de 1918, na Flandres, como a de Alcácer-Quibir, ha quasi quatro séculos, no Norte de Africa, foram, é certo, reveses para as nossas armas, mas reveses que a história não pode deixar já-mais de registar, e para sempre, como autênticas victórias. Victórias, na verdade! Victórias do homem contra si mesmo; victórias do espírito contra a matéria; victórias do sentimento do dever, contra as humilhações da fraqueza! Porque, se em ambas e tão semelhantes situações as nossas tropas foram acaso

derrotadas, impelidas, chacinadas, postas, por fim, em desbarato, em ambas os nossos brios e a nossa glória não chegaram a sofrer qualquer mácula, antes se alevantaram ainda mais.

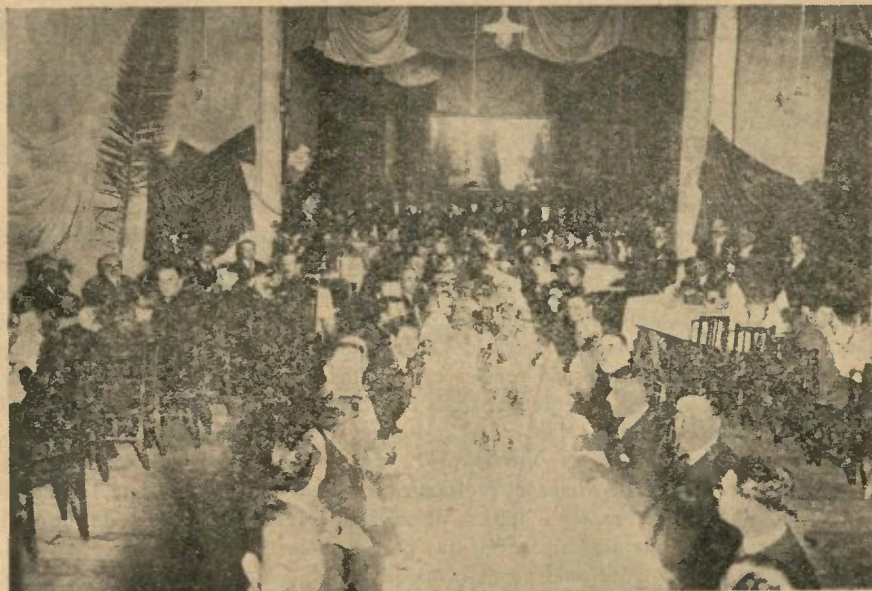
"Nunca se é vencido, quando se morre para poupar a vida, ou pelo menos salvar a honra daquilo que se defende — e aí, na Flandres, como há 348 anos, nos areais ressequidos de Alcácer, da alma de todos os que o inimigo, muito superior em número, vai lançando por terra, ergue-se, alteia-se, liberta-se e fica pairando, sobre todo o campo de Batalha, um novo Portugal, senão mais forte, pelo menos mais cheio de afirmações de grandeza!"

P E L O P O R T O

Porto — velho burgo sempre laborioso e sossegado — nem sempre nos dá motivos sensacionais para páginas sugestivas de uma revista moderna.

Os dias passam-se na mesma labuta quotidiana, no mesmo sossego e na mesma marcha dos que já passaram. Os acontecimentos de sensação raro despertam os nervos calmos da sorumbática cidade e os materiais do progresso penetram nela tam calmamente, que nós, os que vivemos a dentro dos seus muros, nem damos por essa visita tam subtil. No entanto, o tempo tem mostrado alguma coisa já. Com os impulsos da nova Câmara tem o Porto a sua Avenida dos Aliados delineada nas suas ruas e pelo que está feito se adivinha já o seu elegante perfil.

Pouco a pouco vai-se modernizando a cidade em higiene e beleza.



Um aspecto do banquete de confraternização do Club dos Fenianos Portuenses

*

A nota sugestiva da quinzena passada, se puzermos de fóra a Páscoa — essa festa simpática a que as amêndoas andam sempre ligadas — foi o banquete de confraternização do Club dos Fenianos Portuenses, comemorativo do seu 22.º aniversário.

Recordações gratas e indeléveis se ligam á história desta agremiação, cuja divisa — *Pelo Porto* — tem sido cumprida por um grande número de sócios com denodo, bairrismo e carinho.

No seu novo edifício, incompleto ainda, ao cimo da Avenida dos Aliados, no melhor salão da casa, um grande salão que depois de concluído será sumptuoso, estabeleceram-se as mesas numa distribuição artística e graciosa, onde se banquetearam, numa festa cheia de graça e beleza, cerca de 150 sócios dêsse velho Club, que o Porto estima e considera, porque desde sempre as suas festas garridas e caprichosas deram á vida pacata da cidade uma nota alacre e simpaticamente artística, chamando para



Um aspecto do banquete que os agricultores do Douro ofereceram ao estadista sr. Cunha Leal, num dos salões do Palacio de Cristal do Porto

dentro das suas velhas muralhas forasteiros de toda a parte, que ao Porto traziam a sua alegria esfusante, comunicativa e franca.

E porque estão ainda na lembrança das gentes essas festas cheias de graça, de côr e arte, a nota do banquete comemorativo do aniversário do Club dos Fenianos calou fundo no âmago do tripeiro bairrista, porque ela trouxe-lhe a esperança, se não a certeza, de novos impulsos, de novas energias tendentes a levantar o bom nome dessa querida agremiação.

*

As festas da Páscoa animaram o Porto êste ano. A visita ás igrejas, em Quinta-feira Maior, teve alguma coisa de importante e de grandioso. Encheram-se as Casas do Senhor com a graça, beleza e frescura das filhas desta cidade da Virgem, — predicados estes que os crepes e as sêdas negras dos seus vestidos lutuosos mais faziam realçar.

A vida nas ruas era bem diferente da dos outros dias. Um ar místico e perfumado se evolava dos corpos frágeis, numerosos e plásticos das mulheres do Porto, que místicamente passavam para as Casas do Senhor e destas para as Confeitarias, onde buscavam amêndoas — essas amêndoas caras que a França nos envia dentro de açucarados envólucros policromos — e que na Páscoa são liames subtis e feiticeiros que ligam corações e fortalecem amizades.

De resto, a Páscoa no Porto não tem outra nota significativa.

E é por isso que no Domingo de Aleluia as famílias abandonam o velho burgo e vão em automóveis ou nos combóios, em busca das terras onde ainda se mantem o inofensivo e simpático costume da visita pascal, dos folares, das roscas de pão de ló, dos foguetes e da alacridade infantil labareira e pedinchona.

VELOSO DE ARAUJO.

QUEM FOI O TRADUTOR ESPANHOL DO «AMOR DE PERDIÇÃO»

JÁ por ocasião do centenário de Camilo, pensámos em escrever alguma coisa acerca das traduções que se fizeram d'êlê em castelhano; idéa, porém, que não levámos a cabo por afigurar-se-nos pouco o que a tal respeito podíamos dizer, tanto pelo número restricto dessas traduções, como por nos não terem merecido outra atenção, que a que em geral dispensamos ás versões espanholas do português, por fazerem elas parte de trabalhos bibliográficos em que estamos empenhados. Mas tendo pôsto um acaso nas nossas mãos, ultimamente, as *Notas sôbre o «Amor de Perdição»*, de Alberto Pimentel, voltamos ao nosso propósito, em virtude de nos ter a leitura dêsse livro revelado nos apontamentos que podiam servir-nos para aquele trabalho, uma utilidade que mal suspeitávamos, como seja a de permitir-nos emendar um êrro em que o infatigável camilianista incorreu, tratando de identificar o tradutor espanhol do «Amor de Perdição», que, como é sabido, se ocultou sob um asterónimo. Consideramos da maior conveniência de fazer êste erro, não só pelo simples facto de restabelecer a verdade, mas pelo de reparar também uma injustiça; dado que, apresentando-se a D. Angel Fernández de los Rios, como o autôr da versão, attribui-se o serviço que com ela se fez ás letras portuguesas, a uma individualidade cuja pena mais de uma vez se empregou em deprimir a Portugal, ao passo que o verdadeiro tradutor sempre falou favoravelmente de nós. E como das informações que procurámos obter, não consta que o eugano fosse ainda desfeito, não vacilamos já em expôr o que acerca de este caso sabemos.

Uma simples notícia de jornal, cuja insuficiência e vaguidade saltam logo á primeira leitura, bastou a Alberto Pimentel, para chegar á conclusão que chegou. Foi seu dúvida precipitado, mas o fervoroso culto que Camilo lhe merecia, e o afan que constantemente o dominava, de ilustrar de novos pormenores a biografia do grande romancista, desculpam-no desta e outras leviandades em que, segundo me dizem, também caíu. Eis como êle resume á página 109 das *Notas*, a citada notícia:

«Foi o *Diário de Notícias*, na sua interessante secção «Ha quarenta anos» relativa ao dia 9 de Janeiro de 1870. Aí li eu que Fernández de los Rios, então ministro de Espanha em Lisboa, escrevêra duas cartas amabilíssimas a José Cardoso Vieira de Castro: uma de aplauso aos seus triunfos oratórios; outra pedindo-lhe que solicitasse a Camilo Castelo Branco a indicação de qual das suas obras mais estimaria ver traduzida em espanhol. E acrescentava o *Diário de Notícias*: «Parece que é propriamente s. ex.^a quem se oferece para fazer a versão».

Alberto Pimentel, cultôr de um género de investigações onde entra mais a paciência que o método, devia estar habituado a receber por esta fórmula inesperada a solução de muitos problemas; e daí, quiçá, a facilidade com que se deixou suggestionar por aquela notícia; suggestão que culmina como veremos na maneira por que interpretou os factos que mais luz derramam sôbre êste assunto. No entanto, reparemos que a tal notícia só é afirmativa no tocante ás cartas dirigidas a Vieira de Castro. Ora, Fernán-

dez de los Rios, fazendo ao célebre orador o pedido que se diz, podia muito bem servir a um amigo ausente de Portugal, ou menos relacionado do que êle; e podia, — e isto é o mais verosímil tratando-sc daquelle diplomata, — não propôr-se outra coisa que aproveitar a celebridade de Camilo, para lisonjear-nos com o anúncio da tradução de uma obra sua em castelhano; porque êste famoso ministro, que tempos depois se comprovou em denegrir-nos, como já se deixou dito, enquanto aqui esteve foi da mais estudada fagueirice, e podia ter sido esta habilidade, mais uma das que levou a efeito para captar simpatias; aquelas simpatias de que tanto precisava para os seus manejos iberistas.

Falemos agora dos factos que permitem indicar com precisão o nome do verdadeiro tradutor, e digamos desde já que êle fôra D. António Alcalá Galiano (filho), a quem por certo não faltavam condições para aquele empreendimento, pois tendo cá residido *largos anos*, (1) devia ser-lhe familiar o português. Êstes factos, acham-se principalmente, na carta que D. Luís Vidart escreveu ao tradutor e que este reproduz na tradução á laia de postfácio. O primeiro a notar, é a alusão á sua modéstia, o que, se não dá um indício, estabelece uma condição; e não é por esta condição que D. António Alcalá Galiano, deixaria de ser a pessoa procurada. Pelo menos o tom desprezencioso dos escritos que d'êle conhecemos, e a singeleza com que fala de si nos casos em que isso se torna necessário, no-lo apresentam como creatura modesta, ou desejosa de o parecer em todo o caso. Outro tanto não é possível já dizer de Fernández de los Rios, cujo carácter audacioso exclue qualquer idéa de comedimento. Menciona D. Luís Vidart, esta qualidade do seu apadrinhado, para dizer-nos, que fôra ela que lhe inspirára a idéa de ocultar «su *histórico* nombre»; frase em que já encontramos uma concreta referência a D. António Alcalá Galiano, por isso que era filho do célebre político e orador do mesmo nome.

Alberto Pimentel omite todo o comentário ao que Vidart diz do carácter do tradutor, sem dúvida por lhe parecer que não fazia sentido com a índole irrequieta de Fernández de los Rios; e, em quanto á frase «*histórico* nombre», trata de explicá-la pela ressonância que tiveram as negociações realizadas por êste, como emissario dos iberistas espanhóis. «Não ha dúvida — escreve — de que o nome do tradutor se tornou histórico pela acção que Los Rios, á frente da legação de Espanha em Lisboa, exerceu directa e indirectamente, na questão da candidatura de D. Fernando». Ora, a verdade é que, essa aventura podia tornar o seu nome célebre ou famoso, mas não *histórico*; adjectivo, no entanto, bastante adequado para designar um nome que, á ideia de prestigio, aliava a de tempo, sem o qual não pode haver história.

Mas aquelle passo da carta onde a personalidade do tradutor mais claramente transparece, são estas palavras finais com que Vidart o felicita «por la activa parte que toma en dar a conocer em nuestra patria el estado *presente*

(Conclue na página 19)

T E A T R O

UMA ESTRELA DE CINEMA PORTUGUESA

QUEM não conhece, dos grandes «films» de quasi todos os nossos cinemas, este nome-cartaz: *Ivette Beller*? Pois Ivette Beller é uma nossa ilustre compatriota — D. Maria Amália da Fonseca Lebre —, é a empolgante artista coreográfica e de cinema, que tanto tem sabido impôr lá fóra, já pela sua beleza, tão feminina, como pelo seu talento, do mais puro quilate, o nome artístico de Portugal.

Vinda da Argentina, com destino á França e ao norte da Europa, a gloriosa artista passou recentemente por Lisboa, onde esteve alguns dias.



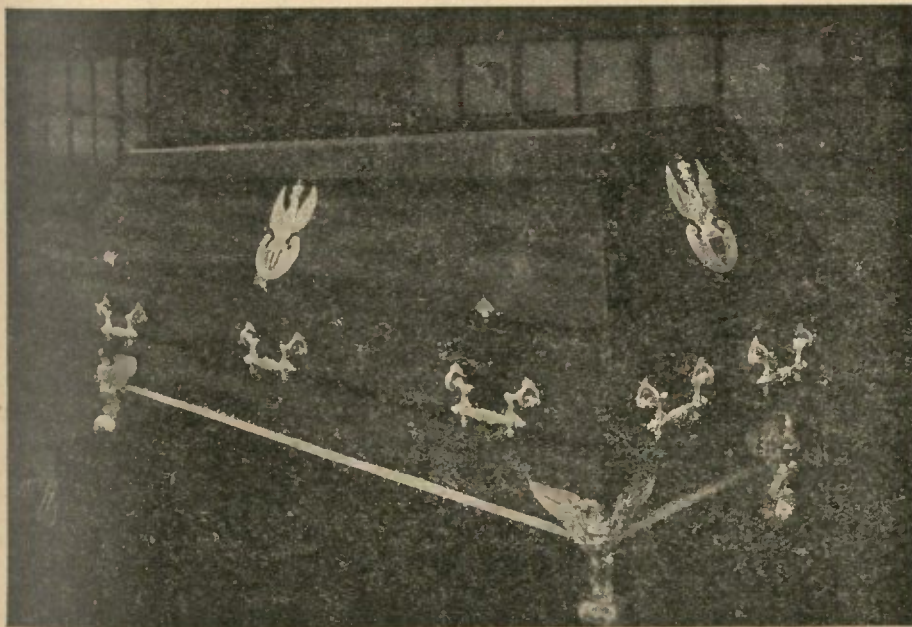
D. Maria Amália da Fonseca Lebre
(IVETTE BELLER)

PALCOS E ANIMATOGRAFOS

O CARTAZ DA QUINZENA

NACIONAL — A's 21 — "A Danço do Meio Noite" (Drama)
S. CARLOS — A's 21,30 — "Rosa do Adro" (Opera).
S. LUIZ — A's 21 — "Romo golonte". (Opereto).
TRINDADE — A's 21,15 — "A Exilado". (Drama).
POLITEAMA — A's 21,30 — "O se'redo do Polichinelo". (Comedio).
GIMNASIO — A's 21,15 — "O Az". (Comedia)
AVENIDA — A's 21,15 — "O Pão de Ló". ("Voudeville").
MARIA VICTORIA — A's 20,30 e ás 22,30 — "Foot-Boll". (Revista).
APOLO — A's 21,15 — "O Mortir do Calvario". (Dromo).
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Ilusionismo e variedades.
SALÃO FOZ — A's 15 e 21 — "C. M.". Variedades.
TIVOLI — A's 20,45 — Animotografo.
OLIMPIA — Animotografo.
CHIADO TERRASSE — Films e concertos.
SALÃO CENTRAL — Animotografo.
CINEMA CONDES — Animotografo.

A CONSAGRAÇÃO DOS MORTOS DA GRANDE GUERRA

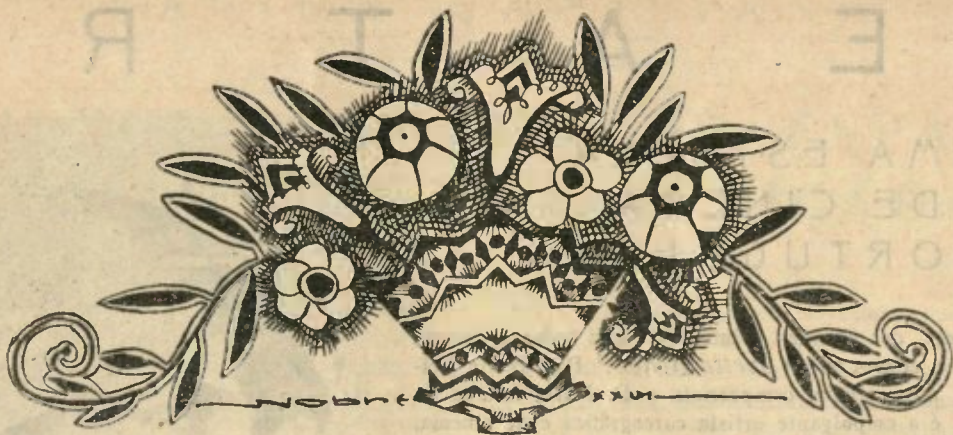


Túmulo do Soldado Desconhecido da Polónia

O SOLDADO DESCONHECIDO DA POLÓNIA

A 2 de Novembro do ano último, realizou-se em Varsóvia a inhumação solene do Soldado Desconhecido da Polónia. O seu corpo foi encerrado num mausoleu, que se eleva na praça de Saxe, junto da estátua equestre do principe José Poniatowski

Por gentil deferência da illustre jornalista polaca Madame Boleslava Caiado, damos hoje uma reprodução do referido mausoleu, sendo nosso intuito aqui publicarmos também o de todas as outras nações que dessa forma quiseram comemorar o heroísmo dos seus mortos da Grande Guerra.



CONTOS E NOVELAS

UM PER- FUME QUE VEM DAS COISAS MORTAS

SENTOU-SE ao piano. A mão esquerda, abandonou-a no regaço e percorria com a direita as placas brancas, de marfim pulido.

De leve, a luz poisava sobre os móveis austeros, sorria nos doirados raros, condensava-se no busto dela, uma Santa Cecília cheia de langôr profano.

— Toque alguma coisa triste...

Fez-lhe o pedido numa voz sumida, enleado naquele am-

biente de silêncio e calma perturbante.

Viu-a voltar-se, sorria ligeiramente. E num éco à voz dêle, que saíra da sombra, repetia — cada vez mais suave, como os círculos que se alargam na água mansa:

— Alguma coisa triste...

Morria, lânguido, um poente de brumas. Pelas ventan-las largamente abertas vinha um aroma triste, na primeira brisa outonal, e um gorgieio perdido no cristal do ar. De longe, o grito dum combóio varou o silêncio, numa angústia despedaçada. A primeira estréla palpitou, sorriu...

A bela cabeça helénica de Marta, curvada sobre o piano, parecia perscrutar-lhe o som. A harmonia subiu, por fim, lenta e suave como o fumo que sobe dos perfumadores, inundou a sala, foi beijar os ramos quási nus das árvores, lá fóra, perder-se no ar calmo. Era Chopin. Marta embalava-se naquela tristeza, como se fôsse dela própria, embestia-se na alma presente do músico. A sua beleza evocadora, o perfil transparente, o cabelo de oiro afogado na sombra, a curva dos ombros, o seu perfume errante no ar e aquele cheiro bemdito de folhagens mortas, do cortejo triunfal de belezas mortas, lembrando um leite fresco e aromático onde seria bom dormir e ser levado, tudo se insinuava no coração de Mário e fazia brotar dele coisas estranhas, como as flores maravilhosas que o calor da estufa anima...

A balada cobriu os gorgeios das aves. — Uma voz, vin-da de longe, falava mais alto, penetrava as coisas, domi-nava as almas. Uma rajada súbita de gritos, de fantasmas, de alucinações, de sombras e clarões, passou, resplandeceu, agitou-se no ar, tendo estremecimentos dolorosos em cada aresta, e de novo se foi perder na luz do poente, em san-gue e oiro. Um novo mundo emanou, surgiu das mãos de

Marta, palpitando no ar, descobrindo horizontes nas almas er-guendo os corações em éxtases divinos. (Ele percebeu, então, que a amava doidamente). Aquela balada revelara-lhe na alma, como um banho numa chapa, o segrêdo das imagens ocultas... Por isso, na tarde outonal e cheia de presen-timentos, o seu coração implorava uma balada melancó-lica. E à medida que a noite se adensava em roda, uma luz mais viva iluminava-o, dentro. Pôz-se a gosar a amarga volúpia daquele amor, como ás vezes se goza o prazer de chorar; amava como um recém-iniciado, — como se ama nas idades do sonho, na idade quimérica do oiro!

Em voz baixa, sonhando, murmurava embriagado:

— Amo-te... Amo-te...

As notas cantavam, soluçavam, tinham ímpetos de pai-xão, depois desfalécias de abandono, tombavam com mur-múrios de jacto num tanque, ou de branda cascata entre os seixos, ou de poeira fina de repuxo, de leve polvilhan-do a relva. Uma garganta invisível e ardente cautava e so-luçava na penumbra.

A luz fugia velozmente. Uma claridade, mais saudade de luz, a bem dizer, que luz, pairava longe. Só ficava no ar aquela voz de sonho, e o perfil, o oiro do cabelo, o busto de Marta; agitado, convulso e musical por entre as rajadas do som. E dominado, num tremor, como se dobras-se um íntimo cabo de Tormentas, êle murmurava sempre:

— Amo-te... Amo-te...

A mão do vento, que surgira de súbito, arremessou pela janela aberta duas folhas perdidas, moribundas, sêcas. Uma comoção indefinível trespassou-lhes as almas. (Aquelas fô-lhas implorativas, irmanadas no destino frágil...) Ela teve um soluço baixinho, brando, dir-se-ia infantil; encostou a cabeça à mão. Naquele instante êle sentiu que sobre os dois pesava toda a dôr do universo, a dôr que torna os homens irmãos, a dôr que os aproxima. Quem, sobre os dois, a derramava assim? Ouviu-lhe a respiração mais alta; curvou-se; ela chorava...

(De fóra, vinha sempre aquele perfume de saudades mortas, a estranha melodia do cortejo triunfal da morte...)

Êle julgou ver, subitamente: amavam-se! Uma ventu-ra sem limites, voluptuosa e espiritual ao mesmo tempo, radiou-lhe no íntimo. A grande alma sonora de Chopin viera de longe, naquela estranha agonia outonal, despertá-los para o amor.

Um gríto de pavão cortou, como um soluço, o ar.

Amorosas, palpítavam agora pelo céu miríades de es-trélas. — Sim, Chopin viera, naquele cortejo de belezas

moribundas, na humidade que se evolava da terra, no último clarão do poente, uni-los, fazer o seu consórcio espiritual, docemente fundir-lhes as almas. Em volta dêles tudo era alma, a pouco e pouco a matéria fizera-se alma...

Como um fumo que se apaga no ar, as notas diluiram-se no derradeiro hálito de luz que emanava do Ocidente. Um rumôr de ramos secos, arripiados, acordou-os. Ele apertava-lhe as mãos de mármore gelado, dizia-lhe palavras incoerentes sobre o cabelo revôlto, ternuras idílicas, quasi dorido, naquela ventura inesperada.

— Amo-te... Amo-te...

Da porta, perguntaram se ela queria luz. E sem resposta, a luz irrompeu, intensa e viva, projectando-se para fóra, nos ramos quasi nus, assustando as aves. Como se a luz o perseguísse, o sonho evolou-se, num rumôr de asas. Foi de novo, em redor, o estofado burguez dos móveis elegantes, o bronze das estatuetas; irónicos e mudos, olhos surgiram das paredes, espreitando...

Marta ergueu-se. Ria. Mandou fechar as janelas. Uma agudeza sarcástica dimanava dos seus olhos, trespassando...

— Vem frio, não acha? Arrefeceu bastante...

Arrefeceu, sim. Chopin voltava ao seu túmulo de silêncio e de pétalas mortas. Era preciso arredar o seu espírito inquieto. O piano ficava como absorto, inútil, depois dum espasmo intenso. Tinha o quer que fôsse de uma boca aberta, depois de um grito de amor que a Morte interrompesse...

— E meu irmão sem vir! Quere esperá-lo? Fique a ler. Tem revistas. Olhe, fume. Eu vou-me. Adeus. Se êle chegar eu mando-o prevenir...

Quiz atalhar, maguado; uma angústia segurou-lhe as palavras. Murmurou sons incoerentes, depois pretestou afazeres, quiz renovar o sonho estilhaçado, prendê-la um momento, porque via agora, em todo o seu esplendôr e fôrça airosa, o amor que o atirava para os pés de Marta, feliz de ser pisado como um escravo.

— Então?

Irónica, em reserva, dominava um sorriso. Ele insistiu:

— Ficaria, se quizesse, se pudesse ouvir-me... Há pouco...

— Ora bem, meu amigo! que infantilidade!...

E riu, pôz-se a rir de alto, desconcertadamente. — ¿ Que imagina o senhor? Adeus. Não posso ouvi-lo.

Maquinal, êle apertou-lhe a mão que se alongava, fria como o mármore e o aço; fria, como aquele vento que lá fora começava a devastar as coisas desoladas! Um tufão percorria-lhe também a alma, — rajada polar extinguindo aquele fogo de instantes. Saiu triste, sem compreender, alheio das coisas. Atrás de si, ouviu ranger os ferros do portão...

As fôlhas rodopiavam, cruzando a escuridão como uma debandada de rebanhos tristes, assustados...

Contava-me isto tudo numa voz longínqua, que tinha alguma coisa de melopeia.

— Não a vi mais, amigo. Voltei algumas vezes, é verdade, no desejo de a ver, de remexer as cinzas, de encontrar uma braza. Procurei o irmão. Seguiu uma vida frívola e banal. Deixei de entrar... Parei perto da casa, diversas noites, e através do jardim húmido e desolado, encostado ás grades como um prisioneiro, ouvi harmonias chocantes de «foxtrot»...

Sobre a nossa mēsa, aberta, poisava um vulgar magazine. A luz escorria nos espelhos, vinha ornar de topázios, desvairadamente, o vidro do meu copo.

Através das janelas via-se cair a chuva monótona, na praça abandonada. Junto de nós, vinha morrer o murmúrio das conversas sem sentido.

Calou-se. Vi-lhe na cabeça a moeda de prata com que pagamos à vida o seu tributo... E, de repente, (assim se devem dar as revelações misteriosas) senti dentro de mim alguma coisa, talvez o deslizar do tempo, com tudo o que há de inevitável e de inútil na existência...

— Estou separado da vida, dela e de tudo, por uma cortina transparente. Olho a vida como a devem olhar os mortos, através das tampas de cristal das urnas... Ela vai-se casar... Que importa? Sabes que idade tenho?

Curva-se para mim; vejo-lhe os olhos abertos e gastos por uma visão interior constante, rodeados de azul; as rugas da testa, a madeixa grisalha...

— Tenho...

Vai-me dizer a sua idade; enxuga mais a fronte. E' um esforço de memória?

— Adeus!... A gente não tem idade. A vida é cada instante que se vive e nada mais do que isso...

Sorri, bebe dum trago o «cognac» de fogo.

— E Chopin? — pergunto.

Encolhe vagamente os ombros e tem um ar de resignação.

Aperto-lhe a mão que se abandona molemente; vejo afastar-se o vulto magro, amarfanhado, sob a chuva atroz e a devastação do vento, — e sinto a grande solidão que cresce sobre a vida e a alaga, numa rajada de gritos e de espectros, ao mesmo tempo volúpia e dôr (tudo ilusão! tudo ilusão!), aspirando no ar, alucinadamente, um perfume que vem das coisas mortas...

TEXTO E DESENHO

o DE o

RODRIGUES MIGUEIS

M U S A S R E C A T A D A S

I

CARLOS DE LEMOS E A SUA GERAÇÃO

COMO está dentro do meu feitiço apregoar virtudes, estejam elas onde estiverem, resolvi iniciar na "Alma Nova" uma série de artigos em que hei-de prestar homenagem a esses belos talentos que, por circunstâncias especiais da vida, quebraram a lira ou a conservam na obscuridade.

Começarei estes meus estudos por Carlos de Lemos, um interessante poeta cujos versos têm por vezes o sabôr delicioso das poesias de Garrett ou de João de Deus e que reflectem bem a alma portuguesa no seu sorriso, na sua graça, nas suas infelicidades ou nas suas paixões amorosas.

Carlos de Lemos nasceu em 67, tendo recebido uma educação religiosa e sentimental. Foi no Seminário que êle começou a metrificicar. A sua primeira tentativa poética foi um soneto em que falava nos raios de Vulcano a propósito de certos olhos que lhe haviam despertado o amor e a poesia. Depois de confessar a sua falta de vocação para padre, Carlos de Lemos entrou no Colégio da Roseira, em Lamego, onde floresciaam as musas. Os poetas moços desta cidade eram nesse tempo o dr. Manuel Quintela, hoje reitor do Liceu; Agostinho de Oliveira, polígrafo fecundo e talentoso; Quintino Lino Machado, um contemplativo cujas abstracções encantavam os seus amigos. Breve se associou também Fausto Guedes Teixeira, mais novo, e que iniciava a carreira poética com o seu livro de Amor.

Pouco mais ou menos nessa ocasião saíram para a immortalidade os sonetos de Antero, que eram lidos, meditados e discutidos em largas seroadas nos corredores do Colégio por Carlos de Lemos e Quintela. A' semelhança do que faziam ao «Alma Minha...», de Camões, por ocasião do seu tricentenário, assim Carlos de Lemos glosou três sonetos do grande sonetista do século XIX e remeteulhos para Vila do Conde como uma homenagem. A carta com que Antero lhe acusou a recepção, veio posteriormente (com sua autorização) a ser publicada no livro "As Miragens", cuja primeira parte era constituída pelas Anterianas.

Aos 21 anos saiu C. L. do Colégio e já visitando a miude o velho Parnaso, fundou com Adolfo Mota (hoje formado e notário) um semanário, "O Cisne", substituído em breve pelas "Miniaturas", publicação de maior fôlego. Mas surge o conflito com a Inglaterra, e ei-los republicanos.

Com Fausto Guedes atiraram então á publicidade um jornal, "A Revolução", de que deixaram sair apenas um número. Em 1891 acabou os preparatórios em Viseu onde fundou o semanário "A Novidade". Aí conheceu a senhora com quem casou seis anos depois, já professor do liceu de Aveiro.

Em Coimbra reuniu em volume os seus belos versos e publicou "As Miragens" de que já falei. Fausto Guedes que já tinha publicado um poemeto — "Náufragos" —, com que contribuiu para as victimas da Póvoa (1892), compôs o seu livro de Amôr e pediu-lhe umas páginas que lhe antecedessem os versos em que C. L. anunciou o grande poeta que êle veio a ser.

E' curioso lembrar a geração de Carlos de Lemos. Augusto Gil que se estreou então com a "Musa Cérula", onde já se adivinhava a graça e a ternura do "Luar de Janeiro", mas onde pouco transparecia o humorismo forte do "Canto da Cigarra"; Afonso Lopes Vieira, que publicou o "Para quê?", que já fazia prevêr o excelente poeta que todos



O DR. CARLOS DE LEMOS

Por um seu colega do Liceu

festejam: Sebastião de Carvalho, que já depois de formado atirou de Vila Nova de Famalicão umas líricas encantadoras; Henrique de Vasconcelos, há pouco falecido, e que em Coimbra publicou as "Flores Cinzentas"; Carlos de Mesquita, também falecido, espirito superior de crítico, com suas horas de poeta, o qual foi professor do liceu de Viseu até 1910 e, depois dessa data, da Faculdade de Letras de Coimbra, onde deu á publicidade um notabilíssimo estudo sobre as "Origens do Romantismo Inglês"; Sanches da Gama, que também já depois de formado publicou um excelente volume de versos, onde parodiava o "Só", no "Nós todos"; Alexandre Braga, que primou depois como orador, mas que então acumulava com o primado de tribuno a herança de filho e sobrinho de poetas; Rodrigues Davim, com versos patrióticos, falecido há poucos anos em Faro, onde era muito apreciado; D. Tomás de Noronha, autor do "Umbrano", e outros.

Já poetas de nome; Eugénio de Castro, Manuel Gaio, Alberto de Oliveira, que então publicou a "Bíblia de Sonho", e António Nobre.

Entre os poetas da época, não deixarei de citar Mariano Garcia, que publicou nesse tempo "No Alto Mar"; Manuel da Silva Mendes, que em Coimbra traduziu em verso branco o Guilherme Tell, de Schiller; Luis Guimarães (Filho), que também na cidade do Mondego publicou os "Versos íntimos" e o "Livro da Minha Alma", e Gustavo Santiago, com quem Carlos de Lemos colaborou na revista "A Reacção". (A reacção era contra o Decadismo e o Simbolismo, em que sob o nome de Nefelibatismo pontificava Eugénio de Castro). Lembrarei também, os seus amigos Alberto Pinheiro Torres, que publicou o "Alva" (prosas

místicas), e Joaquim Madureira, que atirou a público "A Gandaia", em que muito se fazia sentir a influência de Fialho.

Depois de sair de Coimbra, o autor das "Miragens" publicou em Aveiro a "Georgica", (o seu epitalâmio), que o poeta siciliano Tomazzo Cannizarro pôs em verso italiano, e em Viseu — já casado com a sua falecida mulher, D. Beatris Pinheiro, que era uma poetisa de valor, — sustentou dois anos a revista "Ave-Azul".

Foi aí que D. Beatris Pinheiro publicou alguns sonetos e dois poemazinhos "Anhélia" e "Os outros Cavaleiros", que ao tempo foram muito apreciados por literatos estrangeiros, conservando Carlos de Lemos inéditas as traduções italianas em verso de Tomazzo Canizzarro e francesa de Philéas Lebesgue, do segundo poema citado.

Depois o jornalismo político absorveu-o. Aguentou com galhardia o semanário político "A Beira", onde escreveram Lopes de Oliveira, hoje professor, escritor e político falado, — belo carácter; Pereira Vitorino, Tomás da Fonseca, etc.

Carlos de Lemos conserva hoje recatados os versos posteriores ás "Miragens": — a "Palingenésia", de que saíram na "Ave-Azul" algumas poesias, a "Estrela de Alva", 50 e tantos sonetos publicados na "Ave-Azul", a "Corôa de Saudades", etc. E de quando em quando a sua Musa, embora pouco amiga de visitar a imprensa, vai produzindo belas flôres.

Entre os inéditos que publicarei a seguir e que para inegável deleite dos leitores da "Alma Nova" lhe consegui arrancar da sua gaveta, sobressai, pela oportunidade, um soneto consagrado a Camilo Pessanha. Tinha Carlos Lemos apenas 14 anos quando o conheceu no Colégio, sendo ainda seu contemporâneo em Coimbra. Era discípulo e muito amigo do autor da "Clepsidra", um outro notabilíssimo poeta — Alherto de Castro Osório, que ainda há poucos anos nos deliciou com um livro soberanamente belo — "O Sinal da Sombra".

JOSÉ GUERREIRO MURTA.



CAMILO PESSANHA

"Morreu em Macou o grande poeta Camilo Pessanha".
(Diário de Lisboa de 3 de Março)

COMPANHEIROS no início da viagem,
Partilhamos, irmãos, o pão e o vinho;
E apoiados um ao outro, p'ra o caminho
Um ao outro nos enchemos de coragem.

A meio da jornada, uma miragem
Para longe o levou do pátrio ninho;
E fugindo da vida ao torvelinho,
Na Morte agora é que êle achou paragem.

O' pálido noctâmbulo! Poeta
Excêntrico, exotérico, lunático!
Despida a tragi-cômica roupêta,

Outro Camilo agora se alevanta
Sôhre o Tabôr, transfigurado, hierático!
E na "Clepsidra" a Eternidade canta...
(1926)

INTROITO

Do "Corôo de Saudades"

FAZE da tua dôr um poema — disse
Goethe. Eu... uns versos fiz da minha dôr.
Não me sairiam bem se os não sentisse;
Mas nem porque os senti saíram melhor.

Mago fôsse: e talvez eu conseguisse
Erguer aos céus um carne evocador!
Mas, ai! p'ra mim a sombra de Euridice,
Se canto, fica em sombra ainda maior!...

O fôgo estala a pedra: e a viva frágua
Das entranhas lhe arranca um jôrrô d'água...
— A pedra chora a sua dôr secreta.

Ao poeta a dôr faz-lhe o que á pedra o fôgo:
Seus versos são também um desafôgo...
— E' assim que chora o coração do poeta..
(1922)

SONO DOS ANJOS

(Junto ao berço do meu filho)

DORME... Quem sabe lá?... Talvez lhe fôsse
Melhor, muito melhor, não acordar!
Flor de carne, que um beijo á terra trouxe,
Durar... o que uma flôr usa durar.

Antes que o negro fumo do Pesar
As brancas asas da sua alma roce,
Ir-se da vida... — ou antes, regressar
Pra donde veio, assim num sono doce!

Havia de nos doer, eu sei; e tanto,
Que só de imaginá-lo é uma agonia,
Do coração aos olhos feita em pranto!

Havia de nos doer!... E todavia,
Se a dôr da vida o espera a qualquer canto,
Vê-lo agora morrer... melhor seria!
(1899)

NO MEU 59.º ANIVERSARIO

MENINO e môço... há muitos anos! quando
A minha idade (como o tempo foge!...)
Era apenas um têrço da que é hoje,
Tinha no peito um rouxinol cantando.

E era Poeta!... Como outrora o Doge,
Em eu ao mar o meu anel lançando,
Logo Vénus, das ondas aflorando,
Me dava da Poesia a Isagoge!...

E o rouxinol, cá dentro, despertava
A's primeiras cadências: e gorgeava
Um epitalâmio digno de se ouvir!...

Morreu... Hoje é um Mar-môrto o Mar do Sonho...
E agora... agora, se a cantar me ponho,
— Cego de viola ao peito... — é de fugir!
(1926)

CARLOS DE LEMOS

ETNOGRAFIA ARTÍSTICA CHAMINÉS ALGARVIAS

PELO DR. J. LEITE DE VASCONCELOS
ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO
E FRANCISCO VALENÇA

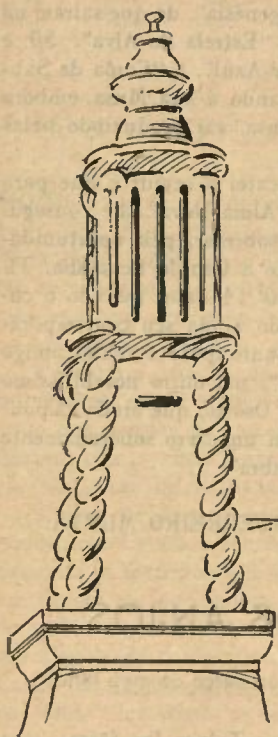


Fig. 1

NAS casas portuguesas mais humildes, de telha vã, não há chaminé alguma: o fumo sae pelos intervalos do telhado, pela porta, pela janela (quando a há!), etc. Cfr. "O Arch. Port., XXII, 310, e além disso, como comparação com o que acontece em Espanha, o importante livro de Krüger "Die Gegenstandskultur Sanabrias", Hamburgo, 1925, pg. 77, onde cita o "Minho Pitoresco", de A. Vieira, I, 19, a propósito de Castro Laboreiro.

Muitas vezes o fumo sae por entre duas telhas, postas angularmente, e também pelo bojo dum pote velho, adaptado a uma abertura do telhado. Vid. "O Arch. Port.", loco citato.

Antes de se chegar à chaminé propriamente dita, há ainda outras formas simples, cuja descrição não posso aqui fazer.

Em casas de gente remediada do distrito da Guarda a chaminé tem forma de cano (de folha de ferro), o qual parte de um arco de alvenaria construído no lar, e sobresaí fóra do telhado: ao que se dá o nome de "chupão", por se entender que "chupa" o fumo.

Na "Portugália", II, 79-84, descreveu o falecido engenheiro Melo de Matos vários tipos de chaminés do Alentejo: alçados de forma piramidal, cilíndrica, prismática, e acompanhou de belas gravuras o seu artigo; aí menciona também "chupão", como do Alentejo.

Fig. 6



Fig. 3



Fig. 4

CHAMINÉS DE ALBUFEIRA - Ajn.º 3 é a da casa do pintor SAMÓRA BARROS



Fig. 2

Quem escreve estas linhas tinha-se já referido às chaminés artísticas do Sul, acaso pela primeira vez, em 1893-1894: vid. "Hist. do Museu Etnológico", pg. 56.

Ultimamente fez-lhe novas referências na mesma "História", pg. 385-387, e no "Boletim de Etnografia, n.º I, pg. 39.

Os desenhos com que Saavedra Machado ilustra e aformoseia o presente artigo (figs. 1 a 5) dão mais uma vez uma idéia do gosto que os meridionais têm de chaminés artísticas.

Aí vemos chaminés da vila de Albufeira e da quinta de Braciais (Faro), que êle desenhou durante uma excursão que ambos fizemos pelo Sul, em 1917.

A quem quer que olhe para chaminés dêste género logo ocorrerá que tais elementos architectónicos se parecem exteriormente com os minarêtes ou torres que os Arabes fazem nas mesquitas, e donde o "muezzin" todos os dias, e em voz alta, convida os crentes a rezar, um pouco á maneira do que faz o sacristão que toca às Avé-Marias. Para apoio do que digo, transcrevo nas figs. 6 e 7: dois minarêtes arábicos, segundo gravuras do "Manuel de la Musulman", de H. Saladin, tomo I (1907), pag. 228 e 403. Os Arabes não usam chaminés.

A palavra "chaminé" importámo-la de França, como os hespanhóis importaram "chemenea" (o nosso povo ainda hoje diz "cheminé", que responde melhor a "cheminée", melhor que "chaminé"). Com ela veio também decerto a primeira adopção dêste natural complemento da cozinha, depois aperfeiçoado no Sul.

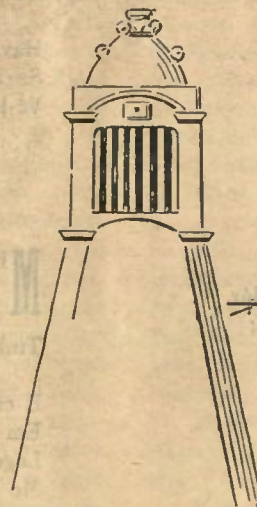


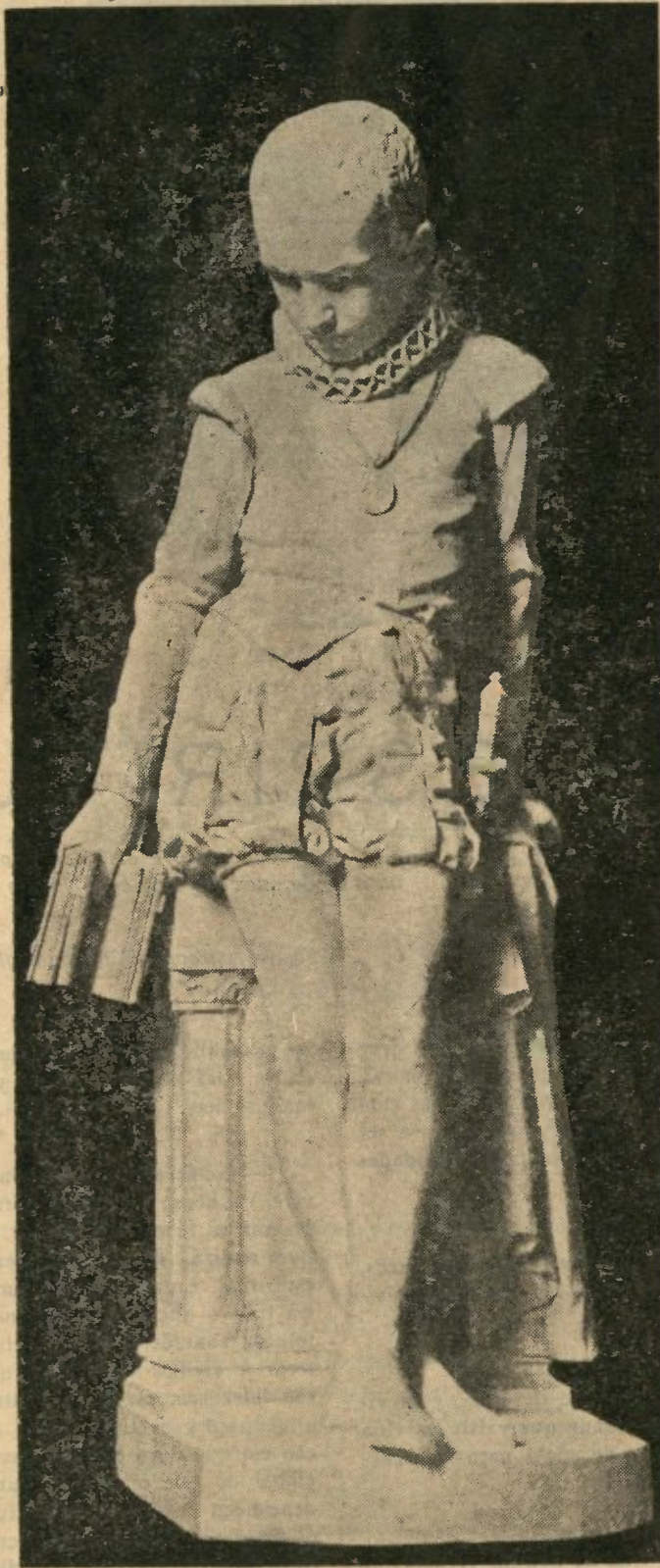
Fig. 5

Chaminé da Quinta dos Braciais (FARO)

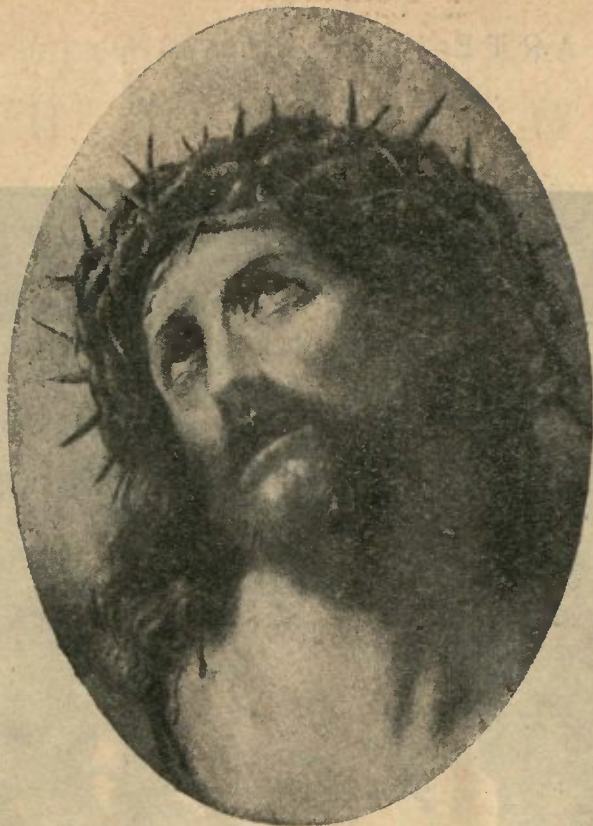


Fig. 7

Campolide, 14 de Março de 1926.



D. SEBASTIÃO, — UMA
DAS MELHORES OBRAS
DA ESCULTURA POR-
TUGUESA — OBRA-PR-
IMA DE SIMÕES D'AL-
MEIDA : : : : MEIDA : : : :



ECCE HO'MO
DE GUIDO RENI

VIDA ESPIRITUAL

A alma humana é uma coisa imperfeita, que tende sem cessar para o que quer que seja de melhor e maior do que ela mesmo.

DESCARTES

O homem ultrapassa infinitamente o homem.

PASCAL

O sentimento do contraste entre o que é e o que deve ser, é a principal característica da consciência moral. Chama-se consciência moral o sentimento que nas vontades fortes gera actos em que o que deve ser passa a ser o que é: realidade que por seu turno condiciona realidades maiores.

*

— A sujeição ao que é, constitue a atitude dos fracos, das almas débeis que as circunstâncias dirigem na passividade vagueante dos corpos mortos.

*

— O combate persistente pelo que deve ser, é privilégio dos que sentem a espiritualidade que existe na vida e que tomam a vida como ponto de apoio para se erguerem cada vez mais alto a uma vida maior.

*

— A vida do espírito é a vida do homem verdadeiramente homem, do homem que tem a consciência da sua pequenez, dos seus defeitos e ao mesmo tempo a visão da perfeição: mundo de possibilidades, vago e indefinível,

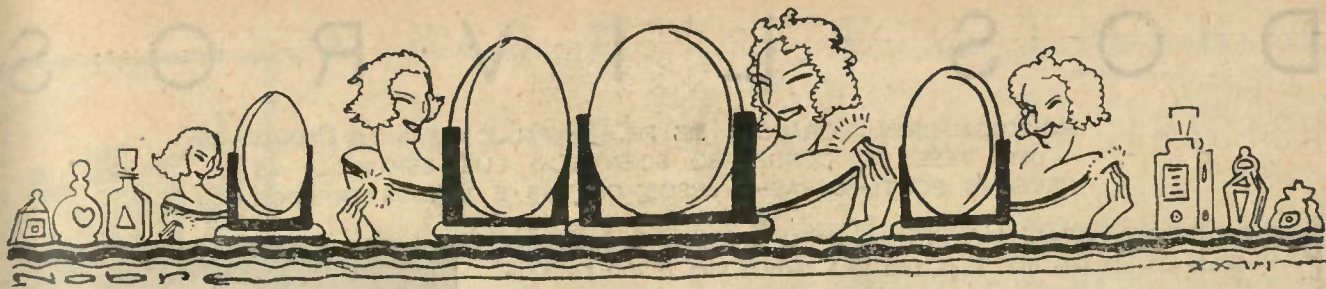
— possibilidades que vai, numa livre escolha, tornando realidades. Daí os inventos, os poemas, as sinfonias, os sistemas, as leis. . .

*

— Conhecer-se a si, conhecer o ambiente em que se vive, conhecer e amar as normas duma existência superior, possuir a fé na eficácia da acção e a energia fecundante que realiza, é ter os elementos fundamentais duma vida espiritual. Lutar pois por uma vida espiritual é lutar contra tudo o que seca o sentimento, obscurece a inteligência, tolhe a vontade, é lutar contra todas as fórmulas que não teem a vivificá-las a alma que as criou, as fórmulas que são letra sem espírito; é lutar contra todas as distrações e occupações exclusivas que afastam o homem da meditação em que deve defrontar-se consigo e com a ampla visão global do que o cerca; é lutar contra todos os vícios que deprimem, relaxam, escravizam. E' a luta, em suma, contra os processos de educação e ensino mecânicos e verbalistas, os negócios absorventes, as diversões superficiais e estéreis, os prazeres que esgotam ou envenenam.

E só quem assim lutar em si e em volta de si, é digno do nome de Homem.

A. REIS MACHADO



VIDA ELEGANTE



a moda

OS últimos ditames da moda continuam a assentar no predomínio da saia curta. Esta desce, porém, um pouco, até meia-perna, para evitar o espectáculo, às vezes pouco elegante, dos joelhos cambaios... Por seu turno, o decote diminue também.

Grande número de costureiros parisienses baniram os vestidos de corte direito, sem folhos ou pregas, antes lhes introduziram efeitos para simularem roda, como panos laterais, nós armados, á frente ou á rectaguarda, etc.

Flores vistosas de "Crepe Georgette", bordadas e engomadas, constituem o único adorno de muitos modelos de "soirée".

Os tecidos são, em geral, a musselina de seda negra com flores de côres sôbre fundo de gase rôxo-fogo, o que é dum efeito maravilhoso.

Nas colecções de noite notam-se os tecidos bordados a vi-drilho, negros ou de côres suaves.

Nos vestidos de dia e passeio, as mangas têm chamado também bastante a atenção dos criadores de modas.

Delas falaremos noutra crónica.

Vestido muito distinto, para passeio e campo. A combinação do bronco com o azul morinho, o que se apresenta sob este, é sempre dum belo efeito

Elegante vestido de Crepe do Chino "Cerise" e Crepe do Chino negro, bordado a vermelho e ouro, e guarnecido de golões dourados

AIDA.

D O S L I V R O S

PORTUGAL-BRASIL — ORAÇÕES DE FE', — DE PAULO DE BRITO ARANHA
— UMA TESE DO CONGRESSO SCIENTIFICO LUSO-ESPAHOL — AS
REVISTAS PORTUGUESAS — VERSOS CERTOS E VERSOS ERRADOS

PAULO DE BRITO ARANHA é um novo em que este vocabulo assenta sem uma ruga, sem uma costura fóra do seu lugar, airoosamente — como uma farda bem feita. E' novo e é militar. Ser militar novo e escritor, ao mesmo tempo, é, implicitamente, ser um patriota. E eis o que éle é, acima de tudo. Os discursos que proferiu no Brasil, como orador oficial do Orfeão Académico de Lisboa, quando da recente viagem do mesmo áquele país, e agora reunidos em volume, não são, dêsse modo, simplesmente algumas belas páginas de literatura moça, pujante de imagens fantasistas e de coloridos bizarramente modernos, mas verdadeiras apoteoses duma alma que sabe sentir dentro de si própria a alma da sua Pátria.

Paulo de Brito Aranha, que honrou bastante no Brasil, bem como o tenente dr. Gomes dos Santos, o nome dos estudantes portugueses, é um orador fluente, vigoroso e emotivo, de cuja voz sonora as frases manam com elegancia e precisão.

O seu livro, que tem uma excelente apresentação gráfica, é editado pela «Empresa do *Diario de Noticias*».

Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa, tèse apresentada ao Congresso Cientifico Luso-Espanhol, em Junho de 1925, pelo erudito historiador local dr. P. M. Laranjo Coelho, é um estudo muito aconselhável a quantos pretendam fazer qualquer monografia.

O autor expõe com muita clareza e mostra profunda cultura.

Não falta quem seja da opinião de que o numero de revistas portuguesas se vai tornando excessivo, em relação ao de leitores. O que á primeira vista nos parece axioma, não passa, porém, dum teorema de demonstração muito "à priori"...

Como podem ser-nos excessivas as revistas portuguesas, se ainda há tantos leitores portugueses para as estrangeiras?...

O que convém é melhorá-las, defendermos os seus interesses, formar um bloco cooperativista das mesmas, para que possamos competir com aquelas em apresentação e em preço.

Todas as grandes revistas de leitura ilustrada e actualidades que hoje possuímos, tem o seu campo nitidamente definido. O "A. B. C." é o acontecimento semanal da vida cidadina; a "Ilustração", que está tomando um caracter muito simpático ás «élites» intellectuais e artisticas, é o registo da quinzena aristocrática e mental; a "Alma Nova", que modificou por completo a sua orientação com o início da presente série, é o complemento natural de uma e outra; — é a "écharpe" transparente da mais gentil dactilógrafa da primeira e o pó-de-arroz aristocrático da mais moderna e exigente leitora elegante da segunda. Mocidade e graça; regionalismo e acção. As três são assim necessárias, — ao nosso meio, ás nossas espirituais exigências e ao nosso próprio brio de portugueses. As outras, as das especialidades, onde é justo salientar o "Eco dos Sports" e a "De Teatro", tem também, cada uma, os seus lugares

marcados. Na doutrinação política e na alta cultura, a 'Lusitania', «Portugalia», «Seara Nova» e a «Cultura», merecem igualmente a nossa atenção e aprêço.



Paulo de Brito Aranha

Para fechar esta crónica, falemos um pouco de versos. A poesia moderna deve caracterizar-se pela inovação

gramatical e estilística. Como bela-arte que é, deve acompanhar as suas irmãs-gêmeas — a pintura, a escultura e a música — nas evoluções respectivas. Embora não mude a lexicologia, há sempre possibilidades, quando se é artista, de formar arranjos sintáxicos donde resultem, nitida e expressivamente actuais, a côr, os movimentos e o som da expressão. A harmonia de hoje, é diferente da de ontem. A nossa sensibilidade requer emoções raias fortes, movimentos mais rápidos, acordes mais vibrantes.

Dentre os livros de versos recebidos e a que prometi referir-me hoje, o que mais se encontra a par destas tendências emocionais e técnicas é a "plaque" fóra do mercado — «Argila Sagrada» —, de Eduardo Scarlaty.

Scarlaty é um novo que inicia muito curiosamente a sua carreira poética.

Outros dois novos já afirmados como poetas de merecimento, são Armando Côrtes-Rodrigues e Oliveira San-Bento, ambos açoreanos e, portanto, poetas em cujas almas, profundamente líricas, o culto da tradição predomina. O primeiro tem, no seu "Em Louvor da Humildade", páginas dum lirismo e duma suavidade impecáveis; o segundo dá-nos em "Espirais de fumo..." um pouco de tudo o que viveu e amou.

Oliveira San-Bento revela-se, sobretudo, poeta de valor nos versos patrióticos.

Um outro poeta, — que não tem a pretensão de fazer "versos certos", mas que os faz, todavia, muito conceituosos e alegres — é o Dr. Luiz d'Oliveira Guimarães.

"Caixa d'Amendoas", seu "cadeau" de Páscoa "ás gulosas e acs gulosos do doce amôr", é um livrinho, no género anedotico das "Bonecas que amam", saboroso, adocicado, encantador, ... de comer e gritar por mais.

Fui também um dos presenteados. Os meus agradecimentos.

MATEUS MORENO.

A R Q U I T E C T U R A

DA CASA PORTUGUESA E DO SEU CHARACTER



As linhas que se seguem, são simples apontamentos, que não passam de ideias gerais sôbre a «Casa Portuguesa», ideias e impressões, colhi-

das em leituras, estudos de projectos e em viagens no país. A história da habitação em Portugal está ainda por fazer, e este simples apanhado nem sequer tem a pretensão de lhe servir de subsídio.

Nas províncias, a arquitectura doméstica apresenta-nos variegadas formas e aspectos, quer construtiva quer esteticamente. No Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beiras, o material de construção predominante é o granito — pedra máscula e forte, que imprime aos edifícios uma feição especial; na Estremadura, são a alvenaria ordinária, o tijolo e o calcáreo. Côr, a da cal. De quando em quando uns ocres: amarelo, côr de rosa ou vermelho-velho. Há ainda barras verticais, como que modestas pilastras azuis, recortando-se ao fundo branco das paredes. As vezes, essas barras são amareladas. As cantarias são de calcáreo branco, azulado ou de amarelo suave.

Em vários pontos do país, servem os elementares adôbes na construção das paredes. No Alentejo e no Algarve o tijolo é o material que, podemos dizer, serve exclusivamente nas construções. As grandes e pequenas superfícies aparecem aí sempre caiadas. Brancas, muito brancas, as herdades, e brancos, também, os «Monies» alentejanos.

Ao passo que, nas regiões graníticas, os grandes vãos exteriores são vencidos por enormes vergas ou linteis de pedra e os vãos interiores por fortes vigamentos de castanho ou pinho, no Alentejo e no Algarve, os primeiros são substituídos por arcos construídos de tijolo e os últimos vencidos por abóbadas do mesmo material.

As coberturas de telha de canudo são, nestas províncias, em grande parte substituídas por terraços ou açoteias. Em Olhão (Algarve), essa substituição é quasi total. Têm-se a impressão de que nos encontramos numa terra árabe. As casas são extranhas de beleza e têm todas uma certa expressão de mistério... Casas que olham o além-mar... casas de moiras encantadas... todas muito brancas, e cúbicas, com as suas açoteias, donde a tardinha se vê suavemente morrer o sol no imenso oceano...

Agora, que nos arredores das principais cidades, ou nelas próprias, e também em vários pontos do país, se constróem casas ao sabôr das nossas habitações d'outróra, e, pouco a pouco se vai pondo de parte o «chalet» de importação (e sobretudo de mau gôsto), será conveniente, na verdade, que a chamada «casa portuguesa» seja analisada com atenção e sem exagêros de nacionalismo. Quais os elementos que, agrupados, formam a referida «casa»?

São: o emprêgo da telha de canudo ou telha portuguesa (telha que os romanos já empregavam), e beirais da mesma telha; a proporção das janelas sôbre o quadrado; o uso de alpendres, escadas exteriores, azulejos (silhares, registos, etc.); grades de varandas e guardas de terraços; o emprêgo do ferro forjado (varão e anel); de rotulados pintados de verde; pianhas para vasos junto ás ombreiras das janelas de peito; e ainda, pintar de verde os aros da caixilharia das janelas e de branco os caixilhos; pintar de azul, verde ou vermelho, a parte inferior das telhas do beiral; a apli-

cação de chaminés com beiral ou rendilhadas, como as do Alentejo e sobretudo as do Algarve, e o emprêgo da aguada de cal como pintura das paredes. São estes, na sua maior parte, os elementos que, dentro da proporção geral do edificio, deram origem á designação de «Casa Portuguesa».

Convem notar que muitos dêles apparecem fóra de Portugal, sobretudo em Espanha, França e mesmo na Itália. Até o próprio conjunto dos edificios, por vezes, nos lembram aí as nossas «casas portuguesas». Em Itália, não querendo já falar na vizinha Espanha, há pormenores (as chaminés, por exemplo), muito semelhantes ao das nossas habitações.

E as nossas casas de Olhão, não são, por sua vez marroquinas?...

«A casa portuguesa» quanto a uós, embora a admiremos e a cultivamos, modernizando-a, adaptando-a á vida actual e dando-lhe os confortos actualmente exigidos, é, todavia, portuguesa apenas por ser construída em terras de Portugal, pois também, conservando a mesma expressão geral, podia ser espanhola ou italiana.

Através dos tempos, a habitação portuguesa tem, logicamente, passado por várias evoluções, acompanhando os períodos da arquitectura predominante. Assim, desde as sóbrias habitações dos lusitanos, nossos avós, até hoje, a casa tem sofrido as metamorfoses necessárias ao melhoramento e agasalho do homem.

Acompanhou a civilização benéfica dos romanos; os períodos do «românico e do gótico»; o do chamado «estilo manuelino»; o do século XVIII, que entre nós ficou conhecido por «estilo D. João V», e ainda o «Pombalino» — simples, sóbrio, mas correcto, e que nasceu pobre pela necessidade económica de tempo e de dinheiro.

O século XIX, trouxe-nos o «Império», que influiu principalmente no mobiliário. Depois, estabeleceu-se a confusão e, sobretudo no último quartel daquele século, essa confusão deu pesadamente o braço a um mau gôsto geral.

Começou a importação louca do «chalet», sem atender ao meio. No nosso século essa importação continuou e deu origem a uma reacção de caracter nacional. Francisco Vilaça é o primeiro artista que, arvorado o pendão do passado, surge á frente da nova geração, com a interessante casa do sr. Jorge O'Neill, em Cascais, (hoje do sr. Conde de Castro Guimarães), e várias outras.

Depois Raul Lino, dá um grande impulso á «casa portuguesa», dentro dum critério simples e moderno, e hoje Gonçalo de Melo Breyner, Norberto Corrêa, Paulino Montez, Carlos Ramos, Tertuliano Marques, Raul Martins, Vasco Regaleira, Christino da Silva, Eugénio Corrêa, Frederico de Carvalho e tantos outros architectos, incuindo o autor destas linhas, cultivam dedicadamente a «casa portuguesa», dentro duma expressão moderna, lógica com o meio e com a vida actual. Há no entanto, diga-se em abono da verdade, uma interpretação errada da referida casa, que geralmente nos apresenta um sabôr piegas, sem unidade de elementos, e com estes mal dispostos, formando um conjuncto que foge ás boas proporções e ao caracter geral. Essa interpretação não saú, com certeza, dos laboratórios dos architectos, mas sim dos de amadores inábeis, sem sentimento nem educação estética.

— Jorge Segurado



P A G I N A D A S C O L Ó N I A S

Mathemuze, um preto que fôra antigo companheiro de Paiva de Andrade e de João de Rezende, e que vivia perto de Bupira, no vale do rio Buzi, dizia-me uma vez, em 1906, mostrando-me uma sua filha que acabava de ter um ataque de nervos fortíssimo ;

— «Está madura ; quer marido. Rapariga quando madura e não casa, tem doença que só passa com inhamossoro ou casamento ; vou pedir licença ao chefe para fazer batuque de Inhamossoro, a ver se fica boa ; rapaz di ela está em Manica».

A pretinha era galante e forte, de raça machangane, mistura de varias raças derivadas da Bantu. Passado o ataque de nervos, alegre e bem disposta, ria a bom rir.

Nas povoações em que mais se abusa do álcool e bebidas fermentadas, com o acontece nas proximidades de Lourenço Marques e da Beira, e sobretudo entre os indígenas da costa ocidental, abundam casos de doenças nervosas, nos filhos e filhas dos mais alcoólicos, casos de epilepsia, como somno cataléptico, e síncope nervosas de diferentes formas e manifestações, mas quasi exclusivamente nos rapazes muito novos e nas raparigas que, como dizia o velho Mathemuze, precisavam marido.

A êsses casos dão os pretos o nome de «feitiço», pois consideram os doentes como tendo o diabo no corpo, ou o espirito mau — AHRIMAN —, que só passa com o batuque respectivo.

Assistimos a vários batuques em três localidades: — em Lourenço Marques, entre Mabungelas do sul do Umbeluzi, ao batuque de Txiquembo (espirito dos antepassados, — Deus em Chironga) ; nas proximidades da Beira e margens do rio Buzi, perto da antiga região do Quitive, hoje Chitove, ao batuque de Inhamossoro, quer por morte quer por doença (embora não encontrassemos significação do termo Inhamossoro, cremos dever ter o mesmo sentido) ; e, finalmente, no planalto da Huila, e no interior, perto do Humbe, ao batuque de Quimbanda ou Tchimbanda, ou ainda de «feitiço» (variante do que descrevem Capelo e Ivens no seu livro *De Angola á contra encosta*), e que tem idêntica significação (N'ganga, em quimbundo, Chimbanda ou Kimbanda, em va-builh e va-ne-cumbi).

São estas cerimónias derivadas, por certo, da mesma cerimónia ancestral da primitiva raça Bantu ou Bana-nectuba.

BATUQUE DE TXIQUEMBO

A primeira vez que assistimos a uma scena destas foi no

OS BATUQUES DE TXIQUEMBO, INHAMASSORO E QUIMBANDA



Mãe Mabungela de Manhiça

Umbeluzi, perto de Bombay, numa povoação de pretos Mabungelas que para ali foram depois da campanha de Gaza.

Quando á tarde, na nossa chata chegavamos á povoação, encontrámos, tirando água do rio, com cabaças grandes e pequenas, trez bonitas pretinhas com aparência de robustas, a mais velha de seios proeminentes e túmidos, vestida de capelana, que lhcs tapava, fazendo-os pender, e as outras duas, de 15 a 17 anos, magras, nervosas, quasi sem seios, com os olhos vidrados, de estéricas, e movimentos bastante sacudidos.

Vinham cantando rrelopeias suaves, que se referiam a Babetine (cidade de Barbeton), com as cabaças sob a emaranhada carapinha, gritando alegres, ao passar por mim: «Chauane Melungo» (Viva senhor português).

Quando chegámos á povoação, as únicas criaturas que ali vimos foram uma velha, que nos prendeu a atenção ; pilava *mapila* num grau, com um enorme pau, em movimentos sacudidos de traz para diante, dobrando os joelhos a cada pancada e espetando o ventre enrugado para a frente. Tinha uns enormes seios, chóchos de ter criado muito filho, como boa mãe, os quais pendiam chatos e bamboleando, como grandes bocados de borracha preta. Era a *Incossi Caze*, a velha mãe e senhora da povoação principal, mulher do Mnumuzana, ou chefe, que também, velho e doente, dormia no meio da povoação, ao

sol, estendido numa esteira, coberto com uma manta de lã fortíssima e a cabeça encostada á clássica almofadinha cafreal de pau preto, arrendilhado. Via-se-lhe sobre a cabeça a corôa encerada e negra, muito lúsdia, feita de cabelo, cêra e barro, pegada á carapinha, e que os mabungelas ou vaturalizados ainda hoje usam.

Ao pé da velha, sorria uma pretinha, tão engraçada que não resisti á tentação de a fotografar, sem que ella desse por isso. Era uma rapariga bastante desenvolvida, e da mesma raça ; tinha os dois dentes médios superiores cortados em bizel, e por detraz, nas costas, espreitava um seu filho, muito pretinho, rindo e fazendo esgares, segurando ao mesmo tempo um dos seios da mãe, que, por ser grande, ella deitara por cima do ombro. Verdadeiro tipo da indígena-mãe não civilizada, da região de Manhiça ou proximidades.

Quando no nosso acampamento, situado perto, acabámos de jantar o clássico caldo de galinha do mato e o bife de gazela, caçados por nós, era já noite. A nossa fogueira

iluminava bastante o local, e muitas formigas de asa, mosquitos e borboletas nocturnas, vinham adejar em tórno da chama, caíndo no chão queimadas, enquanto uma grande quantidade de sapos verdes acinzentados, cujo canto — dim, dom, — semelha o chocalhar de campainhas, se aproximaram sem receio de nós e com a enorme língua glutinante, que saía fóra da bôca, quasi como a língua de um camaleão, iam comendo os insectos caídos. O meu cão, esperava sentado e a olhar para mim, signal para investir com os bichos, mas como eu não o fazia, acabou por brincar com os que lhe passavam mais próximo.

Daí a pouco ouvia-se na povoação um batuque de dois atabales indígenas de sons diferentes e o chocalhar de cabaças e guizos, acompanhados por uma melopeia mais ou menos monótona.

Fomos vêr o que era, e entramos na palhota onde faziam a cerimónia. Havia pelo ar um acre cheiro de cachaça e de suor, á mistura com o cheiro característico da raça indígena, bastante desagradável, mas a que a força das circunstâncias nos tinha acostumado de há muito.

Sobre uma esteira, estava de bruços nma das pretinhas mais magras coberta por um pano de algodão vermelho e tendo a cabeça encostada ao chão; á roda e acoradas, todas as pretas cantavam, batendo palmas; a velha «incossi-cazi» toda ataviada com manjovo, plumas e rabos de macaco, tendo numa das mãos um grande chocalho de cabaças e noutra um rabo de vaca do mato, a cabeça cheia de amuletos, plumas e missanga, dançava, dando guinchos, tremendo toda ao som dos tambores, das palmas, e cantares das mulheres, que faziam côro, e assim ia dançando e, de vêz em quando, passando a cauda da antílope pelas costas da pequena, que jazia na esteira, e pela da pretinha gorda, que estava á lado; depois com os seios túmidos á mostra e com uns fios de missanga enrolados na base, para mais os entumescer, quasi núa e cheia de colares de missanga e um pequeno manjovo de pele de macaco.

E o batuque continuava, as palmas cada vez mais sonoras, especialmente quando a preta mais gorda começou a tremer, a tremer-lhe o corpo todo, os seios, os quadris, as pernas, numa convulsão desenfreada e a compasso da música, até que, caíndo a velha extenuada, a preta gorda continua numa dança ainda mais desenfreada, uma dança de

ventre, tremendo-lhe os seios, meneando-se toda pela cintura, com os quadris em movimentos sacudidos de traz para diante, e de lado, os pés batendo no chão a compasso, fazendo chocalhar os guisos, que lhe ornavam as pernas. As pretas em torno, tendo-se levantado também, e batendo as palmas mais entusiasmadas saracoteavam-se em batuque, algumas com os filhos ás costas, e os petizes também moviam as cabeças e batiam as mãos, rindo, gritando, até que a pretinha gorda dá um grito enorme e cai

no meio da barraca em sono cataléptico, e é coberta pelo pano encarnado, junto á outra mais escura, e que, por sugestão, também se estirava, até ficar hirta como uma táboa, tremendo muito. A preta velha então levanta-se, dá uma bebida á primeira, espargue um líquido de uma cabaça com a cauda de antílope nas costas da outra, que se levanta de um pulo e, muito nervosa e magra, em grande tremura, começa numa dança de vibração quasi dupla da antecedente, com ademães ainda mais lúbricos, os olhos em alvo, movendo a cabeça para os lados, ao mesmo tempo que faz afrodisiacos movimentos, da cintura para baixo, numa dança verdadeiramente frenética.

Nós julgavamos que ficaríamos muito cansadas e fomos surpreendidos na manhã seguinte, ao encontra-las de novo com as cabaças á cabeça, voltando do rio e dizendo ao passar por nós «ambane Balungo» (adeus brancos portugueses).

E a bordo do nosso escaler, á volta para Lourenço Marques, iamnos comparando o que tinhamos visto, com o que viramos um ano antes no «Moulin Rouge», em Paris, sob o título «Le nu dans les danses orientales», em que raparigas francesas, sob trages de indianas, dançavam a dança de ventre «avec tout le tremblement», como lá diziam os mironês cosmopolitas, especialmente respeitáveis senhoras americanas. Era a mesma coisa, mas em Africa «plus au naturel».

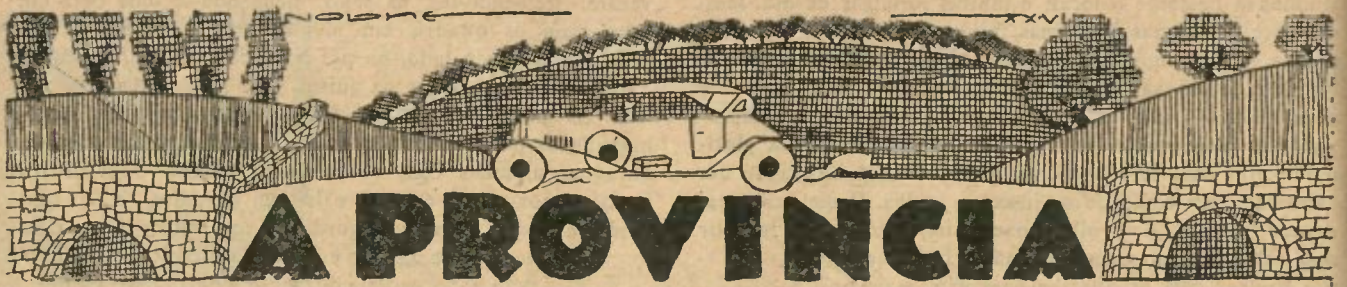
E hoje, depois de em 1914 termos visto em Paris umas americanas dançar o «Gymy», tivemos a má impressão de que tinham sangue negro misturado, e de que os seus trementes movimentos e o seu modo de vestir—quasi núas—parecia ser uma manifestação atávica do sangue africano, embora muito pouco, que deviam, fatalmente, ter nas veias.

C. R. M.



Uma preta solteira de Huilo





A FESTA DA PRIMAVERA NO ALGARVE

A Páscoa, apesar dos dias róxos da Paixão, continua os antigos ritos Pagãos em que era de uso celebrar o divino rejuvenescimento da Natureza, em face do céu azul e da lonjania das flôres, após o inverno feio.

E' que o drama cristão, desenrolado em plena Primavera entre paredes revestidas de luto, longe da luz do sol, não consegue desviar inteiramente os olhos dos campos fecundados para as telas obscuras onde se ergue o Calvário!

Nos próprios templos, em sábado da Ressurreição, com uma alegria que é das boas recordações da minha infância, os feis esperam ansiosamente o sinal que lhes permuta puxar ao som de campainhas as cortinas que tapam macabramente o ar do dia.

A Ressurreição, localisada nessa época, é ainda um símbolo de rejuvenescimento alacre que corre pela Terra.

Com os primeiros estúvios da Primavera o corpo de Jesus transfigura-se e sobe aladadamente ao Céu.

Por toda a parte o cenário é embriagante: as aldeias rescendem a rosmano, os malmequeres estrelam-se de neve e oiro, abrindo as bôcas frescas aos orvalhos das manhãs, as relvas pungem, verdes, e em toda a Catedral dos Bosques vai um salmo de beleza trilado em finas gargantas de aves.

E' a Primavera! E' a Primavera! E' a Vida que Ressurge! Nos vales, nos montes, no ar, nos rios, lado a lado da de Pan, anda a alma de Jesus!

*

Domingo de Páscoa, em S. Braz d'Alportel, no Algarve, há uma curiosa procissão, chamada da Aleluia, que é uma das escassas tradições formosas que conheço e que toda a gente devia trabalhar por que se não perdesse, tornando-a ao antigo esplendor.

A Procissão sai do adro pelas dez horas da manhã, em geral sob um sol de apoteose, clangorante de luz nas paredes caiadas, fazendo latejar o sangue e as seivas num frémito perturbante.

A ordena da Procissão é idêntica á de qualquer outra: irmãos de confrarias, cruciferários, crianças

envergando opas, andores, anjos, padres, sujeitos de fraque negro que pegam ás varas do pátio, a flarmónica bisonha, de metais reluzentes, e uma multidão compacta no couce, em acompanhamento.

Mas o que é original, e creio que único, é a enorme gritaria que os indivíduos que compõem as alas fazem, numa desafinação pitoresca, atacando uns a cantilena quando outros vão em meio.

— Aleluia! Aleluia! Ressuscitou como disse! Aleluia! Aleluia!

A flarmónica toca uma música alegre; em todos os bordões, em todas as tochas, ha ramalhetes de frutos e flores, e, ás vezes, bolos de mel; as cruces vão enfeitadas com verduras e corolas berrantes; e entre limões e nêspas distinguem-se, aqui e além, moinhos de papéis de côres, girando velozes.

— Aleluia! Aleluia!...

A melopeia enche a povoação de ruído. Das janelas debruçam-se raparigas em trajes primaveris. No acompanhamento, há chailes e lenços berrantes de mulheres.

Toda a gente sorri, com os olhos iluminados, cumprindo aquele autêntico rito da Festa da Primavera.

Era de uso, antigamente, os rapazes, na igreja, ao regressar do cortejo, atirarem flores e frutos ás raparigas, quebrarem bilhas de água benta e tocarem com alacre ruído harmónios e gaitas, num geito de bailado.

Mas esta última revivescência pagã foi cortada por um pároco excessivamente zeloso. Das antigas Procissões, que tinham um efeito surpreendente, só hoje resta o clamôr de alegria pela Ressurreição, pantado na litúrgica entoação do Resuscitou como disse!, as flores e os frutos votivos, oferecidos religiosamente, não só ao corpo de Cristo, rejuvenescido, mas também á nova e sorridente Primavera, estação tão querida de Pan!



Igreja Matriz de S. Braz d'Alportel

JOSÉ DIAS SANCHO

o o o NOVELA REGIONAL o o o
O PROFETA DO OUTEIRO

(CONTINUAÇÃO)

A GUARDARIA os decretos divinos, com uma resignação só própria da sua alma prostrada ante os acasos providenciais. Para isso, resava todos os dias o terço à Virgem de Cervães, saltando mesmo por cima das obrigações que a sua seiva sacerdotal lhe impunha.

Um longo páteo extrumado, onde passeavam elementos de toda a domestica fauna beiroa, fazia assim a passagem de um recesso abençoado de cristandade para um antro miseravel, onde o nome do Eterno era cuspidado diáriamente e o vinho agarrafado da taberna constituia o móbil da mais pecaminosa traparia moral.

— «Que se consolem — decretava o padre Bento — Antes de pouco tempo, hão-de bater-me à porta, para que eu os livre das garras do demónio».

Era solene e dura a profecia, mas lograva facil guarida no espirito singelo da gente rústica.

Os velhos sacerdotes das aldeias beirões tinham o segredo de tocar, sem grandes rodeios, o coração do povo. Mas o padre Bento era seguro, infalível nos seus prognósticos.

Por aquela época, já gasta no permanente esfolhear do calendário romano, o livido outono começava a fazer as suas despedidas, deixando as árvores na espinha, ao abandono espectral dos seus ramos desnudos, a terra endurecida como a lage das serranias e as folhas mortas, quasi torradas pela fuga das seivas estivais, a que o vento-norte dava arrepios de vida, agitando-as na epiderme dos campos. Era desolador o ambiente rústico. A pedraria que se acachapava nas faldas dos outeiros mostrava agora baixos de cinza, varrida a sombra do estio, que a corolia de preto, afagando os musgos escorrentes de alegria e de saúde. As latadas e os vinhedos, que são a mais graciosa e humilde riqueza panorâmica das terras beirões, ofereciam aspectos de tenda desmantelada em feira longínqua ou de arruação pirotécnica, em átrios de capelas cujos romeiros, observada a luz e o estrondo esfusante do fogo, tivessem debandado para as suas terras distantes. Núvens pardacentas, amontoando-se na encosta-norte dos Hermínios, abriam mistérios temerosos para além da facha escalvada do Aleijão.

(os grifos são nossos) de la nación portuguesa, ya traduciendo la novela de Castello Branco, ya explicando en el... segunda tentación de revelar su nombre». Tudo isto é uma alusão nitidíssima ás lições que sob o titulo *Portugal su pasado y su presente*, explicara D. Antonio Alcalá Galiano (filho), no Ateneo de Madrid. De estas lições, (2) só a primeira chegou a imprimir-se num folheto da 24 páginas publicado em 1873, no mesmo ano que a tradução do *Amor de Perdição*, que, embora traga no rосто o de 1872, só apareceu no seguinte, por a carta á que nos estamos referindo, ser datada de 26 de Janeiro de este último.

Além de estas referências, suficientes para tornar conhecido o tradutor, dos leitores espanhóis da época, — e não fóra outro o intuito de este ao publicá-las —, sabemos mais dois factos, que registamos a titulo de curiosidade:

A tradução e o citado folheto, foram impressos na mesma tipografia madrilená, variando apenas a designação comercial com que se apresenta, que naquela é «La Nueva España», e neste *Imprenta a cargo de D. Teodoro*

O réprobo casal tinha subido em desregramentos, apouquantando a vizinhança, trazendo para fóra dos muros negros da vivenda o estendal da sua roupa suja, afligindo o povo morigerado do local, em termos que mereciam a mais severa e rigorosa condenação eclesiástica.

— «O' Sr. padre Bento! — pontificavam os locatários dos pradios vizinhos — se Deus nos não acode, viveremos eternamente neste inferno de pragas e os nossos filhos suportarão as lições de uma escola perversa e odiosa».

— «Andai lá com Deus, irmãos. Parece-me advinhar que este ano a justiça divina lavrará a sentença trágica, mas indispensável» — rematava o padre.

Inverno pleno.

Nos humildes beirais das casas negras miavam os bichanos, torcendo os corpos sob o anatema glacial do frio do frio doloroso.

O vento gemia fundo, em redopios de angústia, varrendo os montes onde as alcateias feriam batalha encarniçada e penetrando nos logarejos da miséria para enervar as débéis crianciuhas. As noites enlaçavam num feixe pavoroso a densa escuridão, o mistério, o horror. Nunca a Serra da Baralha inspirara tanto medo aos pastores, nos recóncavos das rochas, ninhos do abismo revelado à lareira pelos avós. A chuva espatifava, em ondas penetrantes, os bastos olivais que se acolhiam nas ladeiras dos cabeços.

Os casebres do povo eram sanctuários de unção religiosa, onde o nome do Altíssimo, dos anjos e dos santos padroeiros aflorava a todos os lábios, nos impulsos mais nobres de corações eleitos. O padre Bento resava no seu tugúrio, cercado pela visinhança que era de uso procurá-lo em noites caliginosas.

Quando o vento cessava de rugir, surgiam macissos de nuvens cavalgando pelo espaço, tétricas manadas de bestas desenfreadas.

(Conclue no próximo número).

AFONSO CORREIA

Lucuix; mas tanto num como noutro, a séde é sempre *Isabel la Católica*, núm. 23. Numa outra obra que conhecemos do mesmo autor, *Primeros ensayos*, publicado também em 1873, mas já em diferente tipografia, vem annunciada na capa a tradução do *Amor de Perdição*, e a seguir um «episodio nacional» de Pérez Galdós, e uma obra de um irmão do autor que Pérez Galdós prologára.

Da nova edição que se fez de esta versão em 1916, assim como das restantes traduções espanholas de obras de Camilo, que conhecemos, ocupar-nos-hemos em outro artigo, caso esse trabalho não esteja já feito, ou possamos acrescentar alguma coisa ao que se disser nele.

SANTOS AGERO

(1) Di lo éle próprio á pág. 6 do folheto «Portugal, su pasado y su presente», a que mais adiante nos referimos. Quanto aos motivos que determinaríam a sua vida, nada sabemos, parecendo-nos porém o mais provável que fizera parte do pessoal da legação de Espanha; embora não o confundamos com D. Emilio Alcalá Galiano, Conde de Casa Valencla, que também passara por esta ligação.

(2) É o nome que lhes deu o autor.



JOGOS

XADREZ

PARTIDA N.º 1

Jogada no Torneio de S. Petesburgo em 1909

Branças: L. Forgacz
 Pretas: Dr. Tartakower

1 P4R — P3R

A teoria moderna considera a *defesa francesa* ligeiramente inferior, ainda que essa inferioridade não tenha sido demonstrada.

2 P4D — P4D
 3 C3BD — C3BR
 4 B5CR — B2R

As pretas podem jogar neste momento..... P×P aconselhado por Em. Lasker e Rubinstein e sem grande desvantagem apesar de abandonarem o centro; 4..... P×P; 5C×P—B2R! 6B×C—B×B; 7P3BD! como na partida Bogoljubow-Alekhine (Baden-Baden, 1925)

5 P5R — C5R

A continuação usual é 5..... C2D após o que com 6B×B—D×B; 7D2D as brancas mantêm a iniciativa (Capablanca-Reti—New-York 1924). O lance do texto é um erro, segundo o Dr. Lasker, pelas 2 razões seguintes: 1.ª após as trocas que seguem a D preta deslocou-se inutilmente e perdendo tempo; 2.ª desaparecido o C branco de 3BD as brancas podem responder ao contra-ataque..... P4BD com P3BD com ganho de tempo.

6 C×C — B×B
 7 C×B — D×C
 8 P3CR

Este lance é, segundo o Dr. Lasker, uma perda de tempo; preferível era 8C3BR, D2R; 9P3BD, P4BD; 10P×P, B×P, 11B3D com vantagem de posição.

8 P4BD
 9 P3BD C3BD
 10 P4BR D2R
 11 C3BR B2D

As pretas podiam aqui obter uma igualdade facil com: 11..... P×P; 12P×P, D5CD + 13D2D B2D etc.

12 D2D Roque
 13 B3D P5BD
 14 B2B P4CD
 15 Roque P4TD
 15 TDIR P5CD

A posição é agora muito interessante; as Brancas têm a mobilização completamente terminada mas sem linhas abertas para um ataque sobre o R inimigo.

As pretas têm aparentemente vantagem porque, com o seu saliente de peões na ala da D e as peças perto do R, e portanto em condições de o defenderem, parecem poder exercer uma pressão irresistível com o avanço dos peões do C e TD quando a TR fôr ajudar esse avanço.

Forgacz, com a engenhosa continuação que adopta, mostra porém a fraquesa do plano do adversário, e a sua manobra pode considerar-se modelar.

17 P5BR! P×PBR
 18 P4CR! P×PCR
 19 C5CR P3CR

Com os 3 ultimos lances as brancas abriram uma linha sobre o Roque preto e enfraqueceram consideravelmente esse Roque provocando o avanço de um dos peões que o abrigavam.

20 T6BR R2C
 21 TD1BR B1R
 22 D4BR

ameaçando C6R. +

22 C1D
 23 P6R T3TD.
 24 D5R R3T
 25 TD5B P×PR
 26 C7BR+ D×C
 27 T5T+ R2C
 28 T×PC mate

Esta partida, segundo J. Renaud, pode servir de exemplo aos seguintes principios gerais: 1.º um ataque sobre o Roque é mais eficaz que um contra-ataque sobre a ala onde não está o R; 2.º para atacar o R inimigo é necessario ter linhas abertas sobre ele; 3.º um ataque sobre o Roque deve ser executado provocando o avanço dos peões que o protegem, para o enfraquecer.

M. P. MACHADO

*

No próximo número darei a solução do problema do n.º 2 e passarei novo problema.

Toda a correspondência sobre esta secção deve ser enviada ao Dr. M. P. Machado — Grémio Literário, R. Ivens, 37 — Lisboa.

CHARADAS E ADIVINHAÇÕES

CHARADAS EM FRASE:

- 1 — Nota que o animal também nota que és fingido. — 1 — 2 — 1.
- 2 — No corpo do poeta estava um charlatão — 1 — 2.
- 3 — Basta, reptil! Traze-me já o painel! — 1 — 2.

No próximo número daremos as decifrações do número anterior.

D. ALEIXO

RESSURGIMENTO EDITORIA

Calçada João do Rio, 8, 1.º

LISBOA

SANGUE D'EPOPEIA -- A Artilharia Portuguesa na Flandres, por <i>Mateus Moreno</i> , 1.º volume de Artilharia, 1 vo 1.....	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ--SINFONIA MACABRA. id., (3 ed).....	2\$00
MINHA PATRIA--Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição broch., 3\$00. cada livro.....	1\$00
CANTIGAS (2.ª edição, por <i>Rebello da Bettencourt</i> , com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
DEUSES DE ANACREONTE--por <i>Luís Calado Nunes</i>	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS--por <i>Odemiro César e Cruz Magalhães</i> , 1 vol. broch com il. de <i>Rafael Bordalo</i>	5\$00
«ALMA NOVA» vol. I, II e III da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 br ch.....	15\$00
O INVEROSIMIL--Conferencia Proibida, original do insign. escritor e moralista <i>Lorde Pechincha de Nadavale</i>	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL <i>Pelos exercicios de redacção</i> , (com a melodiologia deste em sino), por <i>José Guerreiro Murta</i> , prof. effectivo dos licenc., recomendado pelo <i>D. do Governo</i>	4\$00
DA VERDADE, por <i>João José Gomes</i>	2\$50
ÇA DE QUEIROZ--"Revelado por uma ilustre senhora de sua família" <i>D. C. d'Épa de Melo</i>	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por <i>D. Branco Lopes Martins</i> , com illustrações de <i>Roberto Nobre</i> (Ed. <i>Maranas</i> - Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA por <i>Cruz Magalhães</i> , 1 op. ils.....	1\$00

A PUBLICAR:

O DESENHO E A MULHER, no labor artístico de *Rafael Bordalo* por *Saavedra Machado*.
A NOVA GUERRA, por *Mateus Moreno*.

DIREITO PORTUGUÊS E BRASILEIRO

M. GOMES DOS SANTOS
ADVOGADO

Com Procuradoria
no Brasil

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º

TELEFONE CENTRAL 3156

LISBOA

LEIA SANGUE D'EPOPEIA

A ARTILHARIA PORTUGUESA
NA FLANDRES
POR

MATEUS MORENO

EDIÇÃO PROFUSAMENTE ILUSTRADA
COM PREFÁCIO
DO

Comandante Geral da Artilharia do
C. E. P.

e Coronel Maia Pinto

COMANDANTE DO GRUPO QUE FÉZ A

ARRANCA DA VITÓRIA

1 Vol. Broch. 4\$00

"ALMA NOVA"

LEITURA AMENA
E INSTRUCTIVA

A
1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS, CARICATURAS E DESENHOS, REFERINDO OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

DA QUINZENA

EM TODOS OS NUMEROS
ESTUDOS DE TODO O PAÍS

E
SENSACIONAIS
REPORTAGENS
GRÁFICAS

A MAIS
ELEGANTE

A MAIS
DIVULGADA

A MAIS
MODERNA

A MAIS
BARATA

DAS

REVISTAS PORTUGUÊSAS

ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILHAS:

TRIMESTRE 8\$50

SEMESTRE 16\$00

ANO 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE 22\$00

ANO 40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE 30\$00

ANO 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267
LISBOA

AOS NOSSOS AMIGOS
LEITORES E ASSINANTES

A TODOS PEDIMOS A SUA COOPERAÇÃO, PARA FAZERMOS DA "ALMA NOVA" A GRANDE REVISTA DE QUESEPRECISA.

TUDO O QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERÁ 50% DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERÁ 1 ASSINATURA GRATIS

TODOS OS ASSINANTES TÊM 20% NOS LIVROS EDITADOS PELA EMPRESA "ALMA NOVA"

ROYAL PHOTO

ATELIER

DE

ARTE FOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.ª

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHIADO)

LISBOA - PORTUGAL
GRAND PRIX

NA

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO

RIO DE JANEIRO

DE 1923

REDACTORES FOTOGRAFICOS

DA "ALMA NOVA", EM LISBOA

(TRABALHOS DE ATELIER)

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civis, commerciaes e criminaes

RUA DA VITÓRIA, 53, 3.º E.

TELEFONE CENTRAL 957

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

OOO

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bihetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.

Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos historicos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelões. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

CONSERVARIA LISBONENSE

FABRICA ELECTRO-MECHANICA
DE CONFEITARIA E CONSERVARIA

DE

MAURICIO
BRANCO & **L.** DA
SOARES **L.**

35, RUA DAS
-- PEDRAS --
NEGRAS, 37

TELEFONE ---
--- C. 4226

LISBOA

FABRICO
ESMERADO EM
AMENDOAS, MAR-
MELADA, FRUTAS
COBERTAS
E
CRISTALISADAS
E DOS
AFAMADOS



REBUÇADOS DE FRUTAS E ALTEIA LISBONENSES

EXPORTAÇÃO PARA AS ILHAS, COLONIAS E ESTRANGEIRO

ENVIAM PARA TODA A PARTE CARTONAGENS FINAS
DOS SEUS PRODUCTOS, PROPRIAS PARA BRINDES